

consegui ir para uma escola privada”, compartilha.

Katia se formou no ensino técnico em 1994, ano em que o Brasil participou das Olimpíadas de Inverno em Lillehammer, na Noruega. Inspirado nisso, seu trabalho de conclusão de curso (TCC) abordou como utilizar embalagens para divulgar esportes, com foco na marca Leite Moça da Nestlé, empresa onde, anos depois, construiria sua carreira. “Eu tenho o TCC até hoje e me emociono bastante quando vejo. Na época, nem sonhava em trabalhar na Nestlé.”

Inicialmente, a então estudante sonhava em ser jornalista, mas mudou de ideia após conhecer uma profissional de relações públicas (RP), que despertou nela o interesse pela área. Fascinada pelo mundo corporativo, decidiu prestar vestibular para RP na Universidade de Taubaté, sendo aprovada entre os primeiros colocados.

Seu ingresso na Nestlé também aconteceu de forma inesperada: “Dei carona para uma amiga até o processo seletivo para estágio e, sem planejar, fui chamada para participar da seleção”, na qual acabou sendo aprovada. Sua amiga não passou, e Katia chegou a cogitar abrir mão da vaga, mas seguiu adiante e iniciou como estagiária em 2004. Seis meses depois, foi chamada para cobrir uma licença no RH e, desde então, nunca saiu da empresa.

“Nada é por acaso”

Engajada na carreira, Katia percebeu que precisava desenvolver certas habilidades para continuar crescendo profissionalmente, como aprender uma nova língua. Sem condições financeiras para pagar um curso, ela decidiu estudar assistindo a canais em inglês na TV a cabo. “Fechei o pacote e comecei a estudar inglês através de escuta. Igual criança, eu ficava repetindo. E estudava inglês por aquelas apostilas de concurso público”, detalha. Seu esforço foi recompensado anos depois, quando novas portas se abriram.

Em 2009, ela se arriscou no programa de trainee da Nestlé e foi reprovada pelo inglês. No ano seguinte, persistiu e conseguiu não só passar, mas realizar mais sonhos. “Aquele foi o único ano em que também foi aberta uma vaga para o treino internacional. Quem passasse naquele programa poderia aplicar para essa modalidade, na qual seriam selecionados nove trainees ao redor do mundo para fazer uma missão na Suíça. Foi o ano de 2010 e eu fui

Arquivo Pessoal



Aprovada no treino internacional da Nestlé, em 2010, ela viajou pela primeira vez, com destino à Suíça

Arquivo Pessoal



Formatura em relações públicas na Universidade de Taubaté (SP)

Arquivo Pessoal



Katia foi liberada do hospital após 1 ano de reabilitação: “Vida nova”

uma das aprovadas”, conta. Durante dois anos, Katia viajou por 15 países implementando uma ferramenta de recrutamento e seleção. “Aquela menina que nunca havia andado de avião e nunca tinha saído do país, em dois anos, conseguiu fechar três passaportes”, diz, orgulhosa.

Desde 2004 na Nestlé, Katia teve de se mudar diversas vezes, morando em outros estados, como Rio de Janeiro e Espírito Santo, e percorreu todos os níveis da hierarquia corporativa: começou como assistente, depois foi analista, trainee, especialista, coordenadora, gerente e, por fim, diretora. Atualmente, ocupa o cargo de diretora regional de Total Rewards (Remuneração e Benefícios) para a América Latina, com a missão de garantir competitividade do pacote salarial em mais de 20 países.

Katia credits parte de sua visão de mundo também à forma como foi criada. “Meus pais me colocaram em uma ‘bolha’. Nunca falávamos de racismo ou preconceito em casa. Mas eles nos ensinaram a sempre carregar a carteira de trabalho, como um alibi. Nos prepararam para o mundo, mesmo sem falar diretamente sobre essas questões”, descreve.

Embora controversa, ela reconhece que essa abordagem a “protegeu”, ajudando a não se importar com os obstáculos sociais ou com a opinião externa a seu respeito. Por outro lado, destaca que essa “bolha” a impediu

de perceber situações de racismo que possa ter vivenciado, algo que só veio a compreender mais tarde, quando o tema ganhou maior destaque na sociedade e nas empresas — inclusive, na Nestlé, em 2020, quando foi criado o centro de expertise em diversidade.

Rede de apoio

Embora ocupasse cargos importantes na Nestlé, Katia sempre procurou separar sua vida profissional e pessoal, sem deixar que o trabalho definisse sua identidade. A virada na sua vida aconteceu em outubro de 2022, quando teve de se reinventar em uma nova realidade após ser vítima de violência doméstica, sofrendo um incidente que a deixou paraplégica. “Essa dor durou 42 dias. Depois eu falei: ‘Ah, é assim? Então, bora se adaptar’”, recorda. Sua recuperação durou cerca de um ano.

“Eu não acho que vem sofrimento para você se manter sofrendo, mas para se superar e evoluir cada vez mais”, acredita. Ela também encontrou inspiração em diversas pessoas ao longo da jornada. Sua mãe, com toda força emocional, foi um exemplo de como superar os desafios com serenidade. Já no trabalho, líderes, como o presidente e o vice-presidente de confectionary (confeitaria) da Nestlé, além de Henrique Rueda, vice-presidente de RH, ofereceram suporte e oportunidades para que Katia pudesse se desenvolver e seguir em frente. “O mais precioso para nós são seus valores, sua inteligência, e isso não foi abalado”, ouviu de seus superiores.

Além disso, ela destaca a importância da rede de apoio em sua vida. Cinco amigas, apelidadas de “maridas”, foram fundamentais para ajudá-la a enfrentar os momentos difíceis, como o período em que esteve no hospital. “Com certeza, nem da cama eu conseguiria ter levantado se não fosse por essas pessoas. Ver elas ali todo dia, torcendo por você, foi essencial”, afirma.

À frente da América Latina na Nestlé, Katia se prepara para lidar com a diversidade cultural, social e econômica dos países da região. Diante dos desafios, ela acredita em uma solução: continuar sonhando. “Todos nós passamos por problemas, e acho que isso também faz fortalezas. Eu nunca estive tão em paz como agora. Sou movida por sonhos, e hoje, o maior deles é viver por mais de 100 anos.”